

Para D.
— E para Barbara Browning



Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos a meu editor, Jonathan Galassi, por sua sutileza e intuição; a meus primeiros leitores: Cindy Tolan, Julia Bolus, Mary Ellen Peebles, Michael Blake e Honor Moore, por sua sinceridade e seu tempo; a minha leal amiga e agente, Sarah Chalfant; a David Turley por compartilhar comigo sua experiência; a Jane e Tom Doyle por devanearem junto a mim; a Robert Miller por suas recordações; aos Irmãos Jesuítas de Nova Jersey por sua amável ajuda; ao Galway Literary Festival por me dar a oportunidade de apresentar Pippa a uma plateia; a Claire Hardin, Kate Brady, Charissa Shearer, Emma Wilkinson e Angela Trento por me concederem a paz de espírito para escrever; a Ronan e Cashel por sua inestimável ajuda e por tudo o que me ensinaram; a meu pai e a minha mãe.



Parte Um



Vila das Rugas

Pippa tinha de admitir, gostara da casa.

Aquela era uma das unidades mais novas, haviam sido informados. Lava-louças, lavadora e secadora de roupas, micro-ondas, forno elétrico, tudo novo. Tapetes, novos. Fossa séptica. Telhado. Mas o piso do porão apresentava uma rachadura no concreto, e o rejunte entre algumas cerâmicas do banheiro estava escurecido pelo mofo. Sinais de decomposição, como numa boca velha com dentes cobertos por facetas de porcelana, pensou Pippa. Ficou imaginando quantas pessoas já deviam ter morrido naquela casa. Marigold Village, complexo residencial para aposentados: um prelúdio do céu. Aquele lugar tinha de tudo: piscina, restaurantes, um pequeno centro comercial, posto de gasolina, loja de produtos naturais, aulas de ioga, quadras de tênis, enfermeiros. Havia um serviço permanente de aconselhamento por telefone em caso de luto, dois terapeutas de casais, um terapeuta sexual e um fitoterapeuta. Clube do livro, clube de fotografia, clube de jardinagem, clube de nautimodelismo. Não era preciso sair dali para nada. Pippa e Herb haviam passado pela primeira vez por Marigold Village vinte anos antes ao retornarem para sua casa de praia em Long Island de um almoço em Connecticut, quando Pippa acabara de completar 30 anos e Herb, 60. Herb dobrara na esquina errada, e eles se viram numa rua estreita e sinuosa, ladeada de casas cinzentas de um único pavimento. Eram 17 horas no mês de abril; a luz

do fim de tarde lançava um filtro dourado sobre os gramados mantidos com perfeição. As casas pareciam idênticas; avistava-se uma colmeia de caixas de correio numeradas nas entradas compartilhadas. Alguns dos números eram na casa dos mil. Herb estava certo de que dobrando umas duas vezes à esquerda e uma à direita chegaria à estrada principal, mas cada rua em que entrava parecia sugá-los mais ainda para dentro daquela área residencial.

— É como um daqueles contos de fadas — observou Pippa.

— Que contos de fadas? — perguntou Herb, refletindo exasperação na voz. Pippa sempre via poesia em tudo. Ela era do tipo que conseguia transformar a situação de estar perdida dentro de um complexo residencial em algo saído de um conto dos Irmãos Grimm.

— Sabe, aqueles nos quais as crianças entram na floresta, e tudo muda, todos os marcos se transformam magicamente, e elas se perdem, e aí geralmente aparece algum tipo de bruxa? — Entraram em uma alameda, as árvores escondiam o que restava do sol. A claridade desapareceu.

— Pelo menos uma bruxa podia ensinar o caminho — resmungou Herb, virando o volante. Suas mãos gigantescas faziam a direção parecer um brinquedo.

— Acho que já passamos por essa fonte — disse ela, olhando para trás.

Após vinte minutos infrutíferos, viram-se no posto de gasolina de Marigold. Um adolescente simpático de uniforme azul-marinho os orientou sobre como sair dali. Era muito simples: dobrar duas vezes à direita e uma à esquerda. Herb não acreditou que não tinha conseguido descobrir a saída. Dias mais tarde, quando souberam que Marigold Village era

um complexo residencial de aposentados, eles riram. Vila das Rugas, como era chamado pelas pessoas do local.

— Ficamos perdidos por tanto tempo — Herb dizia ao contar a história — que quase tivemos de nos aposentar lá.

Essa história provocou grandes risadas na festa de inauguração da casa nova que Pippa deu no seu terceiro sábado em Marigold Village. Muitos dos amigos mais queridos do casal estavam lá para comemorar, um tanto surpresos, a mudança e a nova vida naquele lugar.

Sam Shapiro, um homem anguloso e calvo, de seus 50 anos, era provavelmente o melhor autor de ficção do país. O enorme adiantamento que Herb lhe concedera por seu último romance virou notícia de jornal. Ele levantou-se e fez um brinde a Herb e Pippa, as palavras saindo-lhe aos borbotões, um tanto confusas.

— Todos sabemos que Herb Lee pode ser um sacana, mas em geral está com a razão. Detesta a autopiedade mais do que qualquer outra coisa, tanto nos livros como na vida real. Isso o torna um grande editor e um homem extremamente firme. Não acredito que já tenha 80 anos, Herb. Acho que isso quer dizer que não tenho mais 35. Mas digo uma coisa. Quando se trata de palavras, a intuição de Herb é perfeita. Com as mulheres, nem tanto. Acho que todos sabemos do que estou falando. — Um riso desconfortável soou entre as pessoas, e um homem soltou uma gargalhada. — Então quando ele me disse que ia se casar com a Pippa, eu pensei — Sam continuou —: Vai começar tudo de novo! Ela parecia... carga radioativa à deriva. Doce, mas letal. No entanto, Herb, desconsiderando meu conselho, seguiu o próprio nariz, como sempre, um nariz de respeito, diga-se de passagem, não um desses narizinhos insignificantes que vemos em todo

lugar por aí, e acontece que conseguiu a mais maravilhosa das mulheres. Conheço Pippa Lee há um quarto de século, mas nunca vou realmente chegar a conhecê-la. Ela é um mistério, um enigma, algo quase em extinção hoje em dia: uma pessoa não levada pela ambição nem pela avidez, tampouco pela necessidade doentia de atenção, mas pelo desejo de viver a vida intensamente e tornar mais fácil a vida das pessoas ao seu redor. Pippa tem nobreza. Pippa tem estilo.

Pippa contraiu os lábios levemente e franziu o cenho num sinal peculiar de reprovação. Queria que ele elogiasse Herb, não ela. O olhar rápido de Sam repousou sobre ela por um instante; entendendo aquele sinal, sorriu e continuou:

— E Herb teve o bom senso de reconhecê-la pelo que ela era, quando isso ainda era quase impossível de saber. Então não pode ser uma pessoa tão ruim assim. Um brinde ao homem que, mesmo nesse estágio avançado de sua carreira, permanece totalmente imprevisível. Não sei dizer o que penso sobre a sua decisão de se mudar de Gramercy Park para Marigold Village, Herb. Se é por modéstia, praticidade ou capricho. Mas enquanto Pippa preparar esse prato de cordeiro assado, eu aceito ser até mesmo seu *caddie*, se for preciso.

— Eu não acho que você daria um bom *caddie*, Sam — disse Herb, a boca contraindo-se num sorriso torto, típico de quando dizia algo engraçado.

— Nunca subestime um judeu com fome! — retrucou Sam Shapiro.

— Eu acho um tanto surpreendente — disse uma voz sentida e fanhosa. Moira Dulles era uma poetisa que vivia com Sam havia alguns anos. Estava sentada no chão, de pernas cruzadas, aos pés de Herb. — Quer dizer, vocês deixarem

tudo para trás. Pippa, você é tão corajosa de largar tudo e começar uma vida nova...

Pippa olhou para a frágil amiga com preocupação. Esperava que Sam não percebesse as lágrimas em sua voz.

— Dá uma sensação de liberdade — disse Pippa. — Não ter mais casas grandes para tomar conta.

— Não destrua minhas ilusões — pediu Sam. — Você é o ícone da Mulher de Artista: serena, dedicada, inteligente, linda. Uma grande cozinheira. Não se faz mais esse tipo. — Moira Dulles lançou-lhe um olhar fulminante, que ele ignorou. — E Herb nem sequer a merece, ele não é um artista. Nunca pensei nisso antes! A única verdadeira mulher de artista no mundo moderno, e ela termina com um editor! — Ele deu uma risada, e em seguida sua respiração soou como o zurro de um jumento.

— Ela não era assim quando nos casamos — disse Herb. — Eu a amansei.

— Ah, cale a boca — Pippa sorriu, escapulindo para a cozinha e se perguntando se Sam não estaria provocando Herb demais. Ben, o filho de Pippa e Herb, estava limpando o tabuleiro do assado, lançando olhares ao grupo através da janelinha que dava para a sala de jantar. Ainda na faculdade de Direito, ele já tinha a má postura e o pessimismo complacente de um homem de meia-idade. Observava a mãe com atenção através de óculos redondos professorais.

— Só espero que Herb esteja bem — disse Pippa, acendendo o maçarico de cozinha e virando-o sobre 15 tigelinhas de *crème brûlée*. A camada de açúcar em cada uma delas borbulhou e ficou escura, da cor do melado.

— Mãe, ele está bem. Nada consegue afetar aquele ego.

— Isso é o que você pensa.

— Eu estou mais preocupado é com você.

— Ah, eu estou bem, querido.

— Seu problema é que você se adapta com muita facilidade. O enigma adaptável. — Pippa acariciou o braço de Ben. Ele estava sempre protegendo-a contra o perigo, quisesse ela ou não. Na sala, Herb conversava compenetrado com Sam, inclinado para a frente na cadeira. Era ainda tão bonito, pensou Pippa. Oitenta anos, com uma cabeleira cheia e todos os dentes. Quando tudo aquilo iria implodir?

— Você devia fazer a mesma coisa — ele aconselhava Sam —, se conseguir chegar à velhice. Eu recomendo. Transformei tudo o que consegui na minha vida em dinheiro vivo. Sendo descontado somente sobre os rendimentos. Do contrário, leva anos para as propriedades serem processadas, e aí o Estado leva metade.

— Eu achava que você adorava pagar impostos! — interpelou Don Sexton, um roteirista, cujas vogais alongadas soavam como se ele tivesse saído de *Núpcias de escândalo*.

— Isso mesmo! — concordou Phyllis, sua perspicaz esposa. — Você sempre disse que gostaria que o governo cobrasse *mais* impostos.

— Eu não financio essa maldita guerra — retrucou Herb.

— Ah, então no final tudo se resume a ética — disse Sam. — Eu estava torcendo para que fosse um capricho.

— Não simplifique as coisas! — resmungou Herb. Mas estava gostando de ser o foco da brincadeira. Pippa de repente adorou Sam Shapiro. Ele adotara o tom jocoso exato de desrespeito para com Herb. Ela temia que as pessoas comesçassem a agir de forma diferente agora que o homem invencível se encontrava num condomínio de pessoas idosas. Tratar aquilo como uma brincadeira louca, era assim que

devia ser feito. O grande Herb Lee, bravo proprietário de uma das últimas editoras independentes do país, defensor viril do Grande Romance americano, admitindo estar velho. Parecia irreal para todos naquela sala. Sua fragilidade tornava a meia-idade deles palpável. Seriam os próximos.

Mudar-se para um complexo residencial de aposentados era a última coisa que Pippa havia esperado de Herb, porém, mais uma vez, ela aprendera a aceitar as rápidas mudanças de curso do marido. Por trás daquela conduta firme e imperturbável, escondia-se uma extrema impulsividade; ele havia comprado manuscritos, abandonado editoras e até mesmo casamentos de forma súbita e ousada durante toda a vida. Pippa sabia que Herb confiava profundamente em seus instintos, chegando ao ponto da superstição; talvez isso fosse tudo em que ele confiava. No momento em que a agulha de sua bússola interna mudava de posição, não havia mais discussão, alguma coisa iria mudar. Portanto, quando ele voltou para casa, rindo, com um prospecto da Marigold Village para aposentados, dizendo: “Esse é o lugar onde nos perdemos naquele dia!” — e depois passou a tarde no escritório analisando as páginas brilhosas daquele folheto, ela percebeu que alguma coisa estava sendo tramada. No final, ele lhe passou a ideia como solução prática: “Tenho no máximo uns cinco a dez anos de vida. Para que precisamos daquela casa na praia? As crianças já seguiram seu rumo. Manhattan é uma chatice. O dinheiro que você poderia estar gastando nos escorre pelos dedos. Liquidamos nossos bens, Pippa, e quando eu me for, você vai ter a maior parte do dinheiro no bolso. Vai poder viajar, comprar uma casa pequena na cidade. Vendemos tudo e você fica livre.” Mas Pippa pressentiu um certo medo naquele tom inflamado; o marido tivera dois

infartos no espaço de uma semana, no ano anterior. Durante os seis meses subsequentes, ela precisou ajudá-lo em tudo. Não conseguia subir um lance de escada. Agora readquirira o antigo vigor e de certa forma estava até mais forte, com a dieta quase perfeita e a prática de exercícios, mas aqueles dias terríveis, quando, de repente, ele e Pippa foram tomados pela extrema sensação de velhice, deixaram uma marca indelével em suas vidas. Ele tinha pavor, Pippa sabia, da ideia de vê-la transformada em sua enfermeira. Marigold Village era um tipo de golpe antecipado contra a decrepitude, enfrentando o problema de cara. Era, na verdade, o autêntico Herb: impassível, realista e relutante em perder o controle de si mesmo.

O fato de Sam Shapiro, que se tornara o melhor amigo de Herb nos últimos trinta anos, morar a 15 minutos de distância, era tanto vantajoso quanto um pouco desconcertante, Pippa sabia. Porque Sam Shapiro seguira o amigo de uma casa editorial a outra durante anos, antes de Herb ter a própria editora. Na verdade, Sam havia sido tão leal ao companheiro que as pessoas começaram a se perguntar se o grande Shapiro não dependia um pouco demais de seu editor. O ar de triunfo que Sam demonstrou ao saber da mudança — como se o amigo houvesse se mudado para segui-lo — em tom de brincadeira, irritou Herb. Em todos os seus relacionamentos, Herb era o mestre, o solicitado. Derrubar essa pirâmide abalaria a base de sua personalidade. Pippa observava Sam com cuidado para detectar qualquer sinal de mudança na dinâmica daquela amizade. Ela também precisava que o marido mantivesse sua aura de fortaleza. Tomar conta dele nos meses seguintes a seus infartos fora complicado. Talvez o tivesse amado mais profundamente do que antes,

mas a maneira como passaram a se relacionar começou a sofrer mudanças perturbadoras. Quando se conheceram, ele havia sido seu protetor. Tornar-se agora dependente dela desconcertava os dois.

Então venderam a casa em Sag Harbor com seu telhado de madeira cinzento, seus cômodos aconchegantes decorados, década após década, com quadros, tapetes, objetos, fotografias. Os quartos das crianças, ainda repletos de medalhas de saltos no hipismo e pôsteres de bandas, o enorme quarto principal com sua cama gigantesca, a janela que era uma verdadeira pintura diante da qual Pippa sentava-se todos os domingos, lendo o jornal ou observando os pássaros — tudo isso arrematado numa terça-feira chuvosa por um corretor de imóveis e sua mulher. O apartamento em Gramercy Park passou para um casal de oftalmologistas sem filhos. Embora Pippa tenha sentido muito perder essas propriedades que tanto amara, surpreendeu-se por sentir-se libertada também. Desvencilhar-se de muito do que haviam adquirido, livrar-se do supérfluo — o impulso havia soado de forma tênue no seu íntimo durante anos, como o eventual toque de um telefone celular perdido num apartamento. Mas fora abafado pelas alegrias, os confortos e os dilemas da vida diária de uma mulher rica e bem-casada, mãe dedicada, anfitriã generosa, uma pessoa que, para aqueles que a conheciam, parecia estar entre as mais atenciosas, amáveis, encantadoras, as mais modestas e incentivadoras de todas as mulheres que haviam conhecido.

Pippa retornou à sala de jantar levando a bandeja de *crème brûlée*. Herb não podia comer tantos ovos e gordura assim, mas ela achava que de vez em quando deveria ter o direito de comer o que gostava, como sempre fizera, antes de

os médicos o proibirem. Além disso, Pippa adorava proporcionar prazer, e todos os cozinheiros sabem que cordeiro e *crème brûlée* provocam mais suspiros à mesa do que linguado e salada de frutas. Ela observava os convidados à medida que eles quebravam o açúcar caramelado com as colheres, levando à boca o creme espesso com aroma de baunilha.